

# Monteiro Lobato leitor, crítico e tradutor de literatura francesa

ANA LUIZA REIS BEDÊ\*

**RESUMO:** Este artigo destaca o diálogo entre Monteiro Lobato e a literatura francesa de diferentes períodos. O interesse pelas obras francesas do autor de *Urupês* não se limitava aos romancistas do século XIX, mas se estendia aos autores do século XVII e XVIII como Madame de Sévigné, Restif de La Bretonne e Marquês de Sade. O gosto eclético de Lobato é visto também em suas traduções do francês. Neste sobrevoo sobre seus comentários, às vezes irreverentes, sobre literatura francesa, desvendamos um crítico arguto, criativo e sem preconceitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil-França, correspondência, Monteiro Lobato, crítica literária, tradução

**ABSTRACT:** This paper highlights the dialogue between Monteiro Lobato and the French literature from different periods. His interest in the French written works was not limited to the 19th century novelists, but it also extended to 17th and 18th century authors such as Madame de Sévigné, Restif de La Bretonne and Marquis de Sade. Lobato's eclectic taste is also seen in his translations from French. In this tour d'horizon of his comments on French literature, which were irreverent at times, we unveil a sharp-witted, creative and unprejudiced critic.

**KEYWORDS:** Brazil-France, correspondence, literary critic, Monteiro Lobato, translation.

---

\* Pesquisadora colaboradora da área de Literatura Francesa no Departamento de Letras Modernas - USP. E-mail: lulibede@uol.com.br

## Introdução

Basta percorrermos os capítulos iniciais de *Formação da Literatura Brasileira* para identificarmos a onipresença da literatura francesa nas tendências de gosto e de pensamento nas nossas primeiras manifestações literárias. De suas expressões mais brilhantes às realizações menos felizes, surge o nome de um autor francês que de alguma forma serviu como inspiração. Tomemos, por exemplo, nosso século das Luzes, que foi, conforme afirma Antonio Candido, predominantemente “[...] beato, escolástico, inquisitorial [...]” (MELLO E SOUZA, 1997, p. 63). Para citarmos apenas um caso emblemático desse período, lembremos de Cláudio Manuel da Costa que nos legou *Vila Rica* (1773), poema épico inspirado na *Henriade* (1723) de Voltaire quanto ao tratamento do tema (Cf. Idem, p. 99).

Um dos motivos para que a França continuasse referência cultural mundo afora também no século XIX e começo do século seguinte teve caráter político. A desastrosa derrota na guerra franco prussiana em 1870 levou os franceses a tentar um domínio nas artes como nos explica Brito Broca:

A obra de Zola, de Maupassant, de Verlaine e de Rimbaud, dos naturalistas, dos simbolistas, dos impressionistas, de toda uma plêiade magnífica de intelectuais e artistas, projetando pelo mundo o livro francês; e Paris ditando figurinos e fórmulas, seduzindo os povos com o feitiço irresistível de uma cortesã, tudo isso constituía uma espécie de desforra, ou pelo menos uma inebriante compensação para o golpe de 1870. (1960, p. 91).

Nossos autores tiveram a literatura francesa como modelo ao longo de todo o século XIX. Maria Luiza Atik comenta: “[...] a avassaladora influência da França na formação do público e do escritor brasileiro. O número de obras francesas publicadas entre nós, em meados do século XIX, era muito superior ao de outros estrangeiros” (1989, p. 52). E nos primeiros anos, após a chegada da família real, a cultura, a literatura e a filosofia francesas também surgem exuberantes na nossa imprensa segundo o levantamento de Helena Bonito Couto Pereira. De fato, conforme a pesquisadora, as autoridades agiam de forma drástica:

As teorias dos enciclopedistas solapavam crenças profundamente enraizadas na população, como a do direito divino da realeza. [...] censuravam-se as referências à França, país-inimigo, e principalmente as “doutrinas ímpias” de seus pensadores. (1989, p. 42).

Podemos afirmar, assim, sem incorrer em exageros, que o verso do poema “Inspiração” de Mario de Andrade, “Galicismo a berrar nos desertos da América” pode referir-se não apenas à cidade natal de Mario, mas ao Brasil cultural ao longo de todo o século XIX e até meados do século XX. Encontrar referências francesas em textos dos escritores brasileiros ao longo desse período tem despertado o interesse de pesquisadores há várias décadas. Portanto, qualquer trabalho que se limite a apontar a forte presença da literatura e da cultura francesas em nossa elite intelectual, e no público em geral, na primeira metade do século passado, estaria arrombando uma porta aberta. A discussão frutífera para o estudioso de literatura

consiste em apontar como se deu essa presença e de que forma nossos autores assimilaram o dado estrangeiro. Os escritores se limitavam a imitar os franceses de forma reverente? Ou dialogavam com eles assumindo postura crítica, por meio de uma "deglutinação" das contribuições estrangeiras, para falar com Oswald de Andrade. No segundo caso, há nomes como José de Alencar, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Gonçalves Dias, Machado de Assis e Lima Barreto. Todos inspiraram e inspiram trabalhos relevantes sobre a presença francesa nas respectivas obras.

Monteiro Lobato ainda não mereceu a mesma atenção da crítica. Além de uma dissertação de mestrado<sup>2</sup>, há um artigo de Cassiano Nunes publicado em 1989 intitulado "Monteiro Lobato: aplausos e apupos à cultura francesa". No entanto, em seus livros escritos para adultos descobrimos um número de referências à história e à literatura francesas que desvendam um leitor perspicaz e curioso e não um crítico sem instrumentalização conceitual, como já foi considerado. Lobato mostrava aos seus leitores como analisava as obras, quais os critérios que pautavam seus comentários, o que distinguia os grandes nomes dos escritores hoje esquecidos. Neste artigo, apresento alguns aspectos sobre a relação visceral de Lobato com a França, mesmo sem jamais ter visitado o país, como ocorreu com os escritores de sua geração pertencentes às classes abastadas.

### Um "amaldiçoado das musas"?

Foi impulsionado pelo amigo e poeta Ricardo Gonçalves (1883-1916) que Lobato passou a se interessar por poesia. O suicídio do poeta o transtornou. Em carta a Joaquim Correia de 1916, lemos: "Se fosse um sonho ... Se fosse mentira...Morreu-nos então, *de verdade*, o bem amado Ricardito? Nunca mais lhe ouviremos a voz? (1964a, p.156)

A amizade datava do tempo do Minarete, como Ricardo denominou o chalé onde morava Godofredo Rangel e depois o próprio Ricardo. A eles se juntavam frequentemente Lobato e outros estudantes. O grupo se autodenominava Cenáculo ou Cainçalha e se reunia em longas noitadas para discutir literatura. Depois de formado, Rangel volta para Minas e Lobato frequentemente lhe dá notícias do grupo como na carta de 25 de julho de 1906:

A Cainçalha vai indo, mas muito sem alma. Reúne-se mais por força do hábito do que por prazer- aquele nosso maravilhoso prazer de outrora. Sacrificávamos tudo para estar um com o outro. *Tout passe...* Ricardo é o divino de sempre. (2010, p. 119).

Do grande amigo, Lobato editou e prefaciou o livro de poemas *Ipês* em 1921. No prefácio, lembra dos momentos de convivência com o jovem boêmio: "Porque nunca mais

---

<sup>1</sup> V. o artigo "O discurso da antropofagia como estratégia da construção da identidade cultural brasileira" de Wesley Roberto Cândido e Nilce Alves Coelho Silvestre. In *Acta Scientiarum. Language and Culture*, vol.38, núm. 3, p.243-251, 2016, UEM.

<sup>2</sup> Defendi meu mestrado em 2002 na Universidade de São Paulo. A dissertação foi publicada com o título *Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2007.

deixaram de associar-se em meu cérebro e em minha saudade a Poesia e o Poeta tais os conheci um dia no Minarete [...].” (1964a, p. 9).

A respeito da poesia francesa, há poucas referências, em 22 de setembro de 1907, resumindo suas leituras, escreve ao amigo mineiro:

Na poesia graúda, Verhaeren- o homem que associou ao polvo as grandes cidades. Quando alguém pronunciar perto de você esse horrível nome, boceje enfasiado e murmure “*Cidades tentaculares*” - e haverá arregalamento de olho. Nunca deixes de associar tentáculos ao nome de Verhaeren, porque desmoraliza. (1964a, p. 9).

Verhaeren (1855-1816) publicou a coletânea de poemas *Villes tentaculaires* em 1895, nessa revela-se visionário ao antecipar o que seria a vida nas grandes metrópoles.

Em 3 de janeiro de 1908, escreve a Rangel: “Ando a ler uns livros do Pinheiro, que os tem ótimos e sempre bem encadernados. Há lá poetas de topete – Verlaine, Baudelaire, Gautier, Eugênio de Castro.” (2010, p. 172).

No caso de Théophile Gautier (1811-1872), há sobretudo, alusões à faceta crítica do autor, além de comentar de forma irreverente a paixão deste pelos gatos. Em carta de 3 de fevereiro de 1915, após tecer observações sobre o estilo de Godofredo Rangel, com sua franqueza costumeira, observa: “é só calçar os punhos de renda do Buffon, pôr no colo o gato de Gautier e sacudir os excessos de virtude que puseste ali- a chance excessiva” (2010, p.3003). Nessa passagem, possivelmente Lobato refere-se à paciência necessária para reescrever a obra.

Não sabemos quais textos de Baudelaire (1821-1867) e Verlaine (1844-1896) Lobato conheceu e apreciou, mas se nosso autor se julgava um amaldiçoado das musas, ao menos como leitor de poesia podemos considerá-lo “aberto a todos os ventos”.

### **Mergulhando em obras francesas: “O tradutor é um escafandrista”**

No que diz respeito à tradução, é compreensível que o nome de Monteiro Lobato esteja mais ligado, em geral, aos Estados Unidos e à cultura americana e inglesa. Do inglês, traduziu mais de sessenta títulos. Entre eles, cinco obras do escritor britânico Herbert George Wells (1866-1946), seu contemporâneo. Em 1905, escreveu ao amigo Godofredo Rangel sobre seus planos de tornar-se um “H. G. Wells de Taubaté”. Traduziu também Kipling, Lewis Carroll, Hemingway, Jack London e muitos outros.

Da língua francesa, Lobato é autor das traduções seguintes: *Memórias* de André Maurois (1885-1967); *Marie Curie* de Eva Curie (1904-2007); *A Sabedoria e o Destino* de Maurício Maerterlinck (1862-1949); *Piloto de Guerra* de Saint Exupéry (1900-1944) e *Contos de Fadas* de Perrault (1628-1703). Esta última obra, aliás, foi objeto de análise de Anna Olga de Oliveira. Segundo a estudiosa, o autor de *Narizinho* tomava várias liberdades em seu texto visando a melhor compreensão do público infantil:

Estratégias tradutórias que alteram drasticamente o original (com a supressão de boa parte do texto, por exemplo), de certo modo, realizam uma adaptação desse

texto fonte visando um dado sistema literário receptor e determinado público-alvo, embora as editoras que publicam tais reescritas possam eventualmente apresentá-las como traduções. (2015, p. 108).

Oliveira ressalta, igualmente, que embora Lobato tenha publicado sua primeira obra infantil em 1920, ele já se preocupava havia algum tempo com a literatura para crianças como editor e tradutor. Em carta a Rangel de 1916, afirma: “Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisas para crianças” (2010, p. 370). Para Lobato, era fundamental que os animais fossem familiares aos jovens leitores e não bichos exóticos que eles desconheciam. Além disso, as traduções disponíveis eram escritas em uma linguagem intrincada e pouco acessível: “As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora-do-mato espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler?” (2010, p. 370).

A ousadia de Lobato em relação às traduções não se limitava aos seus trabalhos, também aconselhava os amigos a seguir um caminho sem amarras. Orientando Rangel a respeito das traduções que lhe encomendara, escreve em 11 de janeiro de 1925:

Já mandei os originais do Michelet. Os contos extraídos das peças de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e os traduzas em linguagem bem singela; pretendo fazer de cada canto um livrinho para meninos. [...] Estilo água do pote, hein? E ficas com liberdade de melhorar o original onde entenderes. (2010, p. 499).

No belo artigo “Eu tomo o sol...” escrito para o jornal *La Prensa* de Buenos Aires, Lobato reflete sobre o trabalho do tradutor: “Há muitas maneiras de ler. Talvez que a mais profunda seja a de quem verte um livro para outra língua” (1964-b, p. 237). Nesse mesmo texto, discorre sobre sua tradução de *Madame Curie*, um verdadeiro deslumbramento. Lobato faz um resumo dessa biografia escrita pela filha da cientista e assevera: “É como não concluir que é imensa a paga dum tradutor quando transplanta para a sua língua uma obra assim?” (1964-b, p. 245).

O poeta e dramaturgo belga de expressão francesa Maurice Maeterlinck mereceu a atenção de Lobato. No entanto, dramas como *L’Intruse* (1890) e *Pelléas et Mélisande* (1892) que o notabilizaram como grande expressão do simbolismo no teatro não são objeto de comentários do escritor paulista e sim um texto de caráter filosófico como *La Sagesse et la destinée* (1898). No prefácio da tradução que fez, Lobato analisa, por meio de estilo conciso e enxuto, a profundidade do pensamento do escritor:

Maurice Maeterlinck pertence ao grupo dos seres que “transcendem’- que passam além- que mergulham, com visões ou intuições, na estratosfera do nosso mundo mental. E traduz essas visões e intuições ora sob forma poética, ora sob forma filosófica (1946a, p. 119).

Lobato refere-se a Maeterlinck como o poeta do indizível e pondera que essa missão

é reservada a poucos homens. Afinal, esses autores precisam tornar compreensível uma determinada ideia por meio de “palavras”. A maneira sintética, expressiva e atilada com que caracterizava o estilo dos autores reside em uma das marcas do Lobato crítico:

O meio de lê-lo não é analiticamente, como lemos um livro de física; o meio de lê-lo é ir lendo como quem desliza num planador, e deixando que a música de pensamento que sai daquele seu jogo de palavras nos penetre como um fluido ou uma sonoridade distante. (...) Maeterlinck é um escritor para ser “ouvido”, “sentido”, “entre-compreendido”, como uma coisa que nos vem da quarta dimensão (1946- a, p. 120-121).

Em poucas linhas, Lobato propõe pistas para a leitura do poeta belga. Não se tratava de um autor para ser analisado racionalmente, mas para ser vivenciado.

No artigo “Euclides, um gênio americano”, Lobato saúda a tradução de *Os Sertões* para o espanhol e aproveita para prestar tributo ao trabalho dos tradutores:

Felizmente que ainda os há, como ainda há santos nas prisões. Homens que esquecem o mundo, a caça ao dinheiro, o “negócio”, e sem esperar recompensa nenhuma, nem neste nem no outro mundo, consagram um pedaço da vida, e todos os seus miolos, ao duro trabalho do transplante linguístico de uma obra (1946-b, p. 252-253).

As obras traduzidas do francês, com exceção dos contos de Perrault, ainda aguardam um estudo mais detido. Trata-se de uma pesquisa que contribuirá para afinar a compreensão do autor como crítico de literatura.

## **Séculos XVII: “Meu bonde ontem foi de palestra com Madame”**

Em 1926, morando do Rio de Janeiro, Lobato escreve a Rangel sobre suas leituras no bonde indo ao trabalho:

O bonde é cá no Rio um promotor de leituras. Ninguém escapa de dar ao bonde uma hora de vida por dia, e a leitura impõe-se como amenizadora dessa hora. Voltei a ler, eu que até do alfabeto andava esquecido. E a ler “sucos” - vê lá: *Manon Lescaut*, *Guilherme Tell* de Schiller (que primor!), La Bruyère, Chamfort, Courier, Sévigné, Benjamim Constant no *Adolphe* e quantas coisas vêm numa coleçãozinha azul de Nelson. (LOBATO, 2010, p. 510).

Desses “sucos”, destacamos autores do século XVII francês: La Bruyère (1645-1696) e Madame de Sévigné (1626-1696). Tudo indica que Lobato leu o único livro de La Bruyère – *Les Caractères ou les Mœurs de ce siècle* (1688). Também se refere ao autor no artigo “Doutor Quirino”: “Comecei a compreender aquele homem e a fazer-me seu amigo. Vi logo que era o que La Bruyère, na sua coleção de caracteres humanos, definiria como “O Estudioso” (1964 b, p. 142).

Interessa-nos particularmente aspectos comuns entre Lobato e Madame de Sévigné.

Embora seja uma das escritoras mais importantes do século XVII, Madame de Sévigné continua pouco lida no Brasil. Mesmo no meio universitário, há esparsos trabalhos sobre a autora. A escritora se tornou conhecida pelas cartas escritas à sua filha Madame de Grignan, a partir de 1761 quando esta, após se casar, vai morar na Provença. As manifestações de carinho, saudade e preocupação com a filha são constantes. No entanto, segundo Nathalie Freidel, suas missivas não representam apenas o produto do amor maternal, mas, sobretudo, de uma grande escritora oferecendo múltiplas facetas para serem analisadas (Cf. Freidel, 2012, p. 7). Culta, inteligente, criativa, Madame de Sévigné encantava com seu estilo coloquial, espontâneo, pleno de jogos de palavras, eufemismos e *incipits* engenhosos.

Surpreendendo o interlocutor por meio de construções inusitadas e com talento de cronista, Madame de Sévigné tornou-se célebre na arte epistolar. Há flagrante identidade entre o estilo de Lobato nas cartas e o de Madame de Sévigné. Ambos criavam palavras a partir de nomes próprios. Em *A Barca de Gleyre*, encontramos “lobatear”, “rangelizar”, “flaubertite” e “zolaíamos”, entre muitos outros. A partir de nomes comuns e verbos, Lobato cria: “abracadabrante”, “desempoeiramento”, “andejismo”, “telecaceteando”, “cenaculóides”; “achavascadamente”, “literatizo”, “magisterdixismo”, “luademelar” etc.

Madame de Sévigné, por seu turno, criou o neologismo “rabutiner, referência às conversas com o primo também escritor Bussy-Rabutin. O neologismo “lavardiner” significava “bavarder” com Madame de Lavardin. A propósito, Gloria Carneiro do Amaral, em um belo artigo, explica que parte da crítica considera a obra de Madame de Sévigné como uma escritora acidental, enquanto outro segmento enxerga as cartas como literatura por excelência:

Jean Cordelier, crítico que é ferrenho partidário dessa posição, acha que se trata de uma obra essencialmente literária, que deve, inclusive, ser lida como um romance. Para ele, trata-se de uma produção literária tão consciente e acabada quanto as fábulas de La Fontaine, as tragédias de Racine ou a *Princesa de Clèves* (2000, p.21).

Madame de Sévigné foi louvada por seu estilo natural propiciando a impressão de que a escrita não resultava de esforço. Também nas cartas de Lobato a Rangel encontramos essa espontaneidade e naturalidade que conferem fluidez ao texto. Salientamos ainda que o estilo coloquial e espirituoso de Lobato demonstra o “trabalho invisível” do missivista.

Além desses pontos comuns entre ambos, contamos com um comentário que Lobato escreveu sobre Sévigné que consta do livro *Na Antevéspera* publicado em 1933. Na crônica “Vatel”, o autor começa com uma digressão sobre o tempo que o carioca perde no bonde. Aliás, o texto é contemporâneo da carta a Rangel citada acima. Na crônica, sugere que os prefeitos deveriam incentivar a leitura no bonde. Em uma deliciosa passagem, lemos:

Somem-se as barreiras do espaço e do tempo. Com a mesma facilidade com que pulamos do Rio à Grécia e lá assistimos à greve das mulheres contra o ardor dos maridos contada por Aristófanes, saltamos do dia de hoje ao século dezoito [sic] e ouvimos de Mme. De Sévigné a história da morte de Vatel, caso único de morte por hipertrofia do ponto de honra culinário (1946b, p. 104-105).

Vatel (1631-1671), o célebre cozinheiro do príncipe de Condé preparou um jantar para Luís XIV e demais convidados em abril de 1671. No entanto, o assado foi insuficiente para todas as mesas deixando o cozinheiro em desespero. Como se não bastasse, Vatel encomenda peixes, mas só recebe uma parte do produto. Atordoado, durante a madrugada, Vatel entra em seu quarto e suicida-se com uma espada. Poucas horas depois, a encomenda que fizera chega ao castelo de Chantilly.

Esse episódio é narrado em detalhes por Madame de Sévigné em carta à Madame de Grignan de 26 de abril de 1671. Lobato faz um resumo do texto acrescentando apreciações suas com um superávit de ironia: “A noite chega. Há um fogo de artifício que falha por causa do mau tempo. (O fogueteiro, que era parente de Vatel, nem por isso perdeu o sono) (1946b, p. 106). Na sequência de seu resumo comentado, lemos:

Mal expira o intendente, eis começam a chegar de todo os lados os *pourvoyeurs*- e é peixe a dar com pau. Correm à procura de Vatel; esbarram na porta de seu quarto fechada; arrombam-na- e lá o encontram. Morto, num lago de sangue. Compusera o seu último prato: Vatel em molho pardo... (1946b, p. 107).

Nesse artigo, Lobato apresenta Madame de Sévigné ao leitor como autora de cartas: “[...] todas elas modelos de graça, leveza e observação” (1946b, p. 105). As apreciações certas de Lobato a respeito da mais conhecida missivista da literatura francesa constituem um momento privilegiado da recepção de Sévigné entre nós.

### **Século XVIII: “desconfio que este marquês é a fonte donde Nietzsche emana”**

A respeito da literatura do século das Luzes, Lobato faz algumas referências a Voltaire (1694-1778) e a Rousseau (1712-1778). Quanto ao primeiro, as alusões são em geral ligadas ao conto *Candide* e a personagem Pangloss e seu conhecido lema, o que era bastante comum aos seus contemporâneos. Em *O presidente negro*, seu único romance, quando o protagonista Ayrton Lobo compra seu carro, um Ford, comenta: “E tudo corria pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis, se eu não me excedesse na fúria de fordizar a todo o transe com o fito de embasbacar pedestres (2008, p. 27).”

No caso de Rousseau, faz alusão às suas *Confessions* em parte estratégica de *A Barca de Gleyre*- a escusatória. Ao apresentar o livro, comenta a pretensa sinceridade de muitos escritores ao contarem a própria vida: “O próprio gênero ‘memórias’ é uma atitude; o memorando pinta-se ali como quer ser visto pelos pósteros- Até Rousseau fez assim- até Casanova (2010, p. 31)”. Lobato cita também *Paulo e Virgínia* de Bernadin de Saint Pierre, obra conhecidíssima do público brasileiro no século XIX.

É curioso o fato de Lobato citar autores do século XVIII francês que não costumam ser referências frequentes na imprensa ou na literatura nem na época de Lobato, nem em nossos dias: Casanova (1725, 1798), Restif de La Bretonne (1734-1806) e Marquês de Sade (1740-1814).



Em carta a Rangel de 21 de janeiro de 1907, após fazer uma glosa do comportamento das moças de Areias, fala em “obras-primas do Instinto e da Futilidade Amável”. Em seguida, cita uma passagem de *La Paysanne pervertie* (1784): “... le plus grand mal c’est l’obscurité, c’est la vie de ces plantes mouvantes qui végètent autour de vous, qui vivent et qui meurent sans que personne se soit aperçu de leur existence” (2010, p. 136). Nesse romance, Restif mostra como a vida na cidade corrompe, retomando, assim, uma ideia cara a Rousseau. Restif fazia ataques ácidos contra as diferentes classes, era anticlerical e abordava todos os grandes temas sociais. O jovem Lobato, leitor avesso a preconceitos, possivelmente extraiu ideias incendiárias do autor de *Les Nuits de Paris*.

Os aspirantes a escritor da geração de Lobato conheciam bem a literatura do século XIX, de Balzac a Ponson du Terrain, de Flaubert a Paul de Kock, mas ler e apreciar autores do século XVIII que passaram por um longo período de ostracismo, como o Marquês de Sade, demonstra uma visão bastante avançada para seu tempo.

Marquês de Sade abalou os alicerces da moral burguesa pondo a nu em seus textos a verdadeira natureza humana, quando nos encontramos livres das leis e das regras. Até meados do século XX, a obra de Sade era um tabu mesmo na França. Por isso, não deixa de ser surpreendente que um jovem leitor, no interior de São Paulo, no início do século XX enxergasse na obra do grande Marquês traços que o situam como precursor de um dos maiores filósofos da modernidade. Em carta a Rangel de 7 de agosto de 1911, argumenta:

Não conheço o *Inocente* de D’Annunzio - nada tenho lido ultimamente, fora uns malucos de gênio como o Aretino e o horrível louco que foi o Marquês de Sade. E por falar: desconfio que este marquês é a fonte donde Nietzsche emana - olho d’água de Nietzsche. Sade está no Index e é de fato a coisa mais anti-cristã que possa ser imaginada. Mas é um gênio (2010, p. 252).

Segundo Sade, para viver conforme a natureza, seria necessário abandonar todos os preconceitos. Ao longo do século XIX, construíram um perfil distorcido do marquês, como se ele fosse um monstro abjeto. De fato, mesmo no século seguinte, o nome de Sade está ausente da maior parte dos manuais de literatura.

Hoje, muitos trabalhos acadêmicos são dedicados ao autor, inclusive no Brasil. A pesquisadora Eliane Robert Moraes<sup>3</sup> destaca-se em nosso país como a grande especialista da obra de Sade. Segundo explicou-nos em uma entrevista, até o final do século XIX, ter acesso a uma obra de Sade era muito difícil e a leitura era clandestina. O próprio Apollinaire havia lido Sade no início do século XX porque frequentava o “inferno” (conjunto de livros eróticos) da Biblioteca Nacional da França. Poderíamos nos perguntar como Lobato, morando em Areias, conseguiu um livro do grande Marquês em 1911.

---

<sup>3</sup> Dirceu Magri e eu entrevistamos Eliane Robert Moraes em fevereiro de 2015. A entrevista foi publicada na revista *Non Plus*, n. 6.

## Considerações finais

Para Monteiro Lobato, o legado francês representou uma fonte de concepções artísticas sólidas e duradouras, que o instrumentalizou para a crítica de outras literaturas, inclusive a nacional. São tantos gêneros apreciados, tantos autores dos mais diferentes estilos que contribuíram para formar um leitor crítico, ativo, questionador, favorecendo assim a edificação de um crítico de literatura penetrante, criativo e original. Suas leituras incansáveis foram criando uma visão particular, que por uma espécie de “sedimentação geológica”, para usar expressão que empregou, possibilitou-lhe ser “si mesmo” e “lobatear” a sua lira.

Se Monteiro Lobato foi um dos críticos mais severos da importação de valores alienígenas, da macaquice desenfreada de muitos autores do começo do século XX, também foi um leitor assíduo e extasiado da literatura francesa conforme vimos. Dos grandes nomes, sabia extrair o sumo, identificando, de forma irreverente, aspectos indispensáveis às criações que permaneciam.

Há muito ainda para explorar quanto ao diálogo fecundo que Lobato teve com a literatura francesa. Um imenso canteiro de obras aguarda a iniciativa dos pesquisadores.

BEDÊ, A. L. R. Monteiro Lobato reader, critic and translator of French literature. *Olho d'água*, v. 13, n. 2, p. 26-36, 2021.

## Referências

AMARAL, G. C. do. “Sévigné em ação: sévignações” In: GALVÃO, W.; GOLTLIEB, N. *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 19-33.

ATIK, M. L. G. “A presença da cultura francesa na vida intelectual brasileira nos fins do século XIX” In *Revista Travessia*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, n. 16,17,18 (1989): Brasil/França, p.49-55.

BEDÊ, A. L. R. *Monteiro Lobato e a presença francesa em a Barca de Gleyre*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2007.

BROCA, B. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CASSIANO, N. “Monteiro Lobato: aplausos e apupos à cultura francesa” In *Revista Travessia*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, n. 16,17,18 (1989): Brasil/França, p. 158-167.

MELLO E SOUZA, A. C. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos*. 8ª Ed., Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1997, 2 vols.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, M. *Mundo da Lua*. (1ª ed.1923) São Paulo: Globo S.A. 2008.

LOBATO, M. *Cartas Escolhidas* (1º tomo). São Paulo: Brasiliense, 1964 (a).

LOBATO, M. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964 (b).

LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*. (1ª ed. 1946). São Paulo: Brasiliense, 1946 (a)

LOBATO, M. *Na antevéspera*. (1ª ed. 1933). São Paulo: Brasiliense, 1946 (b)

MORAES, E. R. de, MAGRI, D.; BEDÊ, A.L.R. Entrevista com a professora Eliane Robert De Moraes. *Non Plus*, 3(6), 2015, p.136-143. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/104718/103457>. Acesso em: 30 de jun. de 2021.

OLIVEIRA, A. O. P. de. *Reescritas brasileiras dos contos de Perrault: caminhos diferentes em Monteiro Lobato e Mário Laranjeira. Tradução em Revista*. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, 18, 2015/1, p.100-117. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24865/24865.pdf>. Acesso em: 30 de jun. de 2021.

PEREIRA, H. B. C. “Manifestações da cultura Francesa na Imprensa Brasileira, nas primeiras décadas do século XIX” In *Revista Travessia*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, n. 16,17,18 (1989): Brasil/França, p.41-48.

SÉVIGNÉ, M. de. *Lettres de l'année 1671*. Édition de Roger Duchêne, préface de Nathalie Freidel. Paris : Gallimard, 2012.

Recebido em 18/04/2021

Aceito em 16/05/2021